

## 1

Ele aprendeu russo para descobrir o que acontecia aos lábios do menino num poema de Arsenii Tarkovski. Lera o poema em muitas versões, em muitas línguas, e depois ficou obcecado pela página de um livro, pelos caracteres que não conhecia e que de alguma forma tinha de desvelar. Deve tê-lo feito sozinho, comprou livros e dicionários, passou tardes inteiras no *Cinema del Silenzio*, vendo filmes de Andrei Tarkovski, e tempos depois fez a viagem à Rússia de que me falava de vez em quando, parecia só ter visto cúpulas de igrejas e neve, e livros, pequenas livrarias onde encontrara volumes estranhos, os que estão naquela estante. Foi também nessa viagem que comprou os ícones, a reprodução da *Santíssima Trindade* de Andrei Rublev, que está no quarto da torre, e os dois mais pequenos, que me deu, os dois anjos, um vestido de verde, um de azul, os meus anjos. Como ele, eu gosto de queimar incenso em frente dos ícones, de acender velas, de ficar a olhá-los durante muito tempo, os ícones são orações que engendraram uma forma visível, mas sempre

orações. E não se pode fazer nada em frente de uma oração além de entregarmo-nos, nunca existiram anjos como aqueles, os da *Trindade*, criando um círculo à volta da mesa, envolvendo o mundo, os meus dois anjos solitários, anjo da natureza e anjo da água, anjo das plantas e anjo dos pássaros, não sei se ele alguma vez pensou nisso, mas são um pouco como nós, altos e perdidos, anjo da natureza e anjo da água, Miguel sempre foi o meu anjo da água e dos pássaros, desde a primeira vez que o vi sobre as rochas, imóvel, submerso no vento e na espuma das ondas, e nos gritos das gaivotas, acho que comecei a amá-lo naquele instante.

Foi num mês de Abril, há muitos anos, éramos ainda crianças. Estamos de novo em Abril, o mês mais doce, aquele de que Miguel mais gosta, o mês azul, a nossa casa fica mergulhada em lilases, que escorrem pelo jardim, sobem às árvores, por vezes chegam ao muro que dá para as rochas. É também o mês dos jacarandás, os jacarandás ao longo da rua estão cobertos de flores violetas, que vemos da janela do nosso quarto, da varanda da torre, de um lado o mar até ao infinito, do outro o mar de flores. E o som dos pássaros, desde Fevereiro que acordo a meio da noite com os pássaros, e deixo-me ficar imóvel, ouvindo-os, até adormecer de novo e despertar de manhã, para mais pássaros, e para ele.

Quando ele aprendeu russo estávamos longe um do outro, ele estava em Roma, vivia em Roma, passava os dias em museus, tentando desvendar o enigma dos quadros, ele sempre teve a obsessão das escritas secretas, das linguagens secretas, por isso naqueles anos estudou pintura, fez uma ou duas exposições, leu imensos livros em ita-

liano, escreveu poemas em italiano, depois apaixonou-se pelo russo e imagino que se rodeou de livros e de dicionários... eu nunca gostei de dicionários, acho que abrir um é admitir uma derrota, que não fomos capazes de chegar a uma palavra por instinto. Ele achava divertido, ensinava-me as línguas que aprendia e dizia-me que eu as apanhava no vento, que não precisava de estudar... foi também assim quando me ensinou a nadar, num momento eu estava na beira das rochas, no momento seguinte a água envolvia-me, e era como se algo me chamasse ao longe, e o meu corpo deslizava ao seu encontro, para longe, para muito longe.

Um anjo vestido de azul e um anjo vestido de verde. Ambos altos e solitários, penso que as pessoas nos acham estranhos, sempre acharam, como se pertencêssemos a outra espécie. Mas não à mesma, cada anjo é uma espécie, foi ele que mo disse quando éramos ainda miúdos, tinha-o lido num dos inúmeros livros da biblioteca. Não era um menino de óculos afundado nos livros, era o melhor jogador de futebol da sua escola, nunca conheci ninguém que nadasse como ele (a não ser eu) e sempre foi muito belo. Mesmo depois de homem, há pessoas cuja beleza nos comove, quase nos faz doer, e ele é assim, alto e com movimentos de animal que ainda está a crescer, e com aquele orgulho do animal que aprendeu há pouco a erguer-se nas pernas, aquele orgulho de estar vivo, de ser dono do mundo, que só os animais muito jovens têm... e talvez algumas espécies de anjos. A espécie chamada Miguel.

Ele tem nome de anjo, eu tenho nome de flor. Na verdade o meu nome é Marisa, foi Marisa até uma manhã

em que tinha nove anos e estávamos sentados numa rocha, em equilíbrio precário, as pernas dentro de água, e ele ergueu a mão e as gotas de água caíram sobre o meu rosto e ele me chamou Íris. E passei a ser Íris, uma flor, mensageira dos deuses. Se o bebé fosse uma menina chamar-lhe-ia Íris, mas sei que é um menino, e chamar-se-á Miguel. Vai nascer a meados de Junho, será Gémeos, como eu, como ele, eu nasci a vinte e nove de Maio, ele a catorze de Junho, somos quatro pessoas, dizia ele quando corríamos pelo jardim, e dançávamos os quatro, cantávamos os quatro, primeiro um de cada vez, depois um coro...

A casa está de novo azul, Abril é o mês mais doce, os lilases, as violetas e os lírios nas jarras, Abril é o mês mais azul... A nossa casa, o nosso castelo, sempre me pareceu um castelo, desde a primeira vez que a vi, com a sua cor cinzenta, o alpendre coberto de lilases, as sacadas, a torre, os terraços, sempre me pareceu enorme, embora para os outros possa ser mais uma bela quinta, como havia tantas ao longo desta rua, muitas desapareceram, substituídas por hotéis e bancos, mesmo a minha pequena casa do outro lado do muro é agora a sucursal de um banco, mas não importa, porque a minha verdadeira casa sempre foi esta, o castelo, Villalilla, como Miguel lhe chama, disse-me em tempos que começara a chamar-lhe assim quando era muito pequenino, uma palavra de criança para Vila dos Lilases, depois disse-me que fora por causa de *L'Innocente* de Visconti, o filme que mais amava. Villalilla. O nosso filho chamar-lhe-á assim, como nós dois, Villalilla, Villalilla... como numa canção de embalar. O seu quarto é ao lado do nosso, tem cortinados

novos, brancos, e gravuras de Chagall nas paredes, as paredes pintadas de azul, há também cachos de lilases do outro lado da vidraça, mas já não estarão em flor quando ele nascer. Nessa altura o jardim estará cheio de agapan-tos e hortênsias, também azuis e brancos, e vou sentar-me com ele no muro, para sentir o cheiro do mar, e deixar a janela do quarto entreaberta, para que o som das ondas o embale. E aprenderá a nadar muito cedo, descerei com cuidado o caminho nas rochas e ele aprenderá a gostar do mar, a senti-lo, e depois a mover-se nele como se fosse o seu elemento natural, e o seu corpo terá o bronze quase dourado do meu corpo e do de Miguel, e os seus cabelos terão madeixas mais claras do sol, e os seus olhos serão profundos e limpos como os das pessoas que passam muito tempo a olhar para o mar. Também o ensinarei a conhecer as plantas, os pássaros e os astros, os seus nomes, os seus movimentos ao longo do ano, e aprenderá nos livros de Miguel tantas línguas quantas quiser, poderá passar de uma para outra como se navegasse, porque todas farão parte da sua memória, como fazem da nossa.

Estou sentada no alpendre, e o perfume dos lilases é tão forte que quase me faz adormecer. Sempre foi assim, desde o princípio, quando ele me trouxe a casa e entramos pela porta da cozinha, e nos sentámos a comer bolo de chocolate e a beber sumo de mango, ou como da outra vez, anos mais tarde, em que empurrei a porta aberta e entrei na casa como uma criminosa, e fizemos amor no seu quarto, ou anos mais tarde quando entrei aqui vestida de noiva, com um ramo de violetas, e deixei ficar os sapatos no alpendre, e ele me levou descalça para o nos-